

Verbos aspectuais: alternância argumental

Aspectual verbs: argument alternation

Luana Lopes Amaral^{1*}

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais e residente de pós-doutorado na mesma instituição.
luana.l.amaral@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma proposta de análise para a alternância sintática que ocorre com os verbos chamados de aspectuais ou aspectualizadores. Esses verbos podem ocorrer em sentenças transitivas e intransitivas e tais ocorrências podem ser exemplificadas por pares de sentenças como *a professora começou a aula/a aula começou*. Primeiramente, argumentamos que essa alternância não é a alternância causativo-incoativa, que ocorre com verbos de mudança de estado como *quebrar* (*o ladrão quebrou o vidro da porta/o vidro da porta quebrou*). Mostramos como o fenômeno analisado se distingue da alternância causativo-incoativa e apresentamos algumas evidências para nossa argumentação. Em seguida, propomos, seguindo outros autores, que os verbos aspectuais são operadores e predicadores monoargumentais. Na análise da alternância desses itens, propomos, então, que esses verbos podem ter uma forma transitiva derivada, dependendo da semântica de seu único argumento. Como os aspectualizadores são operadores que operam sobre eventualidades, seu único argumento deve obrigatoriamente denotar uma eventualidade. Se esse argumento for também um predicador, seu argumento poderá aparecer na sintaxe na posição de sujeito do verbo aspectual, derivando a estrutura transitiva (como ocorre com verbos de alçamento e auxiliares). Concluímos, assim, que a alternância argumental em jogo não é uma alternância dos argumentos do verbo aspectual, mas uma alternância argumental do predicador encaixado, que é argumento do aspectualizador.

PALAVRAS-CHAVE: verbos aspectuais; alternância argumental; sintaxe; semântica.

ABSTRACT: In the present research article we present an analysis of the syntactic argument alternation which occurs with the so-called aspectual verbs or aspectualizers. These items occur in two types of sentence, transitive or intransitive, which can be exemplified by pairs of sentences such as *a professora começou a aula* 'the teacher started the class' / *a aula começou* 'the class started'. First of all, we argue that this alternation is not the causative-inchoative alternation, which occurs with change of state verbs, such as *quebrar* 'break' (*o ladrão quebrou o vidro da porta* 'the thief broke the door glass' / *o vidro da porta quebrou* 'the door glass broke'). We show how the analyzed phenomenon can be distinguished from the causative-inchoative alternation and we present pieces of evidence to support our claim. In what follows, we propose, following other authors, that aspectual verbs are operators and monoargumental predicators. In our analysis of the alternation of these items, we propose, then, that these verbs can have a derived transitive form, depending on the semantics of their only argument. As aspectualizers are operators over eventualities, their arguments must necessarily denote an eventuality. If such arguments are also predicates, their arguments will be able to appear in syntax in the subject position of the aspectual verbs, deriving a transitive sentence (just as happens with auxiliaries and raising verbs). Thus, we conclude that the argument alternation at stake is not an argument alternation of the aspectual verb *per se*, but an argument alternation of the embedded predicate, the argument of the aspectual verb.

KEYWORDS: aspectual verbs; argument alternation; syntax; semantics.

* Agradeço às agências CAPES e FAPEMIG pelo apoio financeiro (bolsa de doutorado da CAPES e bolsa PMPD – Acordo CAPES-FAPEMIG).



Introdução

Na literatura, verbos como *começar*, *continuar* e *terminar* são conhecidos como “aspectuais” ou “aspectualizadores” (CASTILHO, 1968; CUNHA, 1998; VERKUYL, 1999; WACHOWICZ, 2007; BERTUCCI, 2011). De acordo com Wachowicz (2007) e com Bertucci (2011), os verbos aspectuais não denotam um evento no mundo, mas são operadores que marcam o aspecto em uma eventualidade, denotada por outro elemento da sentença, como um verbo ou um nome eventivo.¹ Podemos exemplificar esses casos com as sentenças a seguir, em que aspectualizadores operam sobre eventualidades denotadas por outros verbos:

- (1) A bailarina começou a dançar.
- (2) A artista continuou a cantar.
- (3) A professora terminou de escrever a matéria no quadro.

Conforme aponta Travaglia (1985), os verbos aspectuais *começar*, *continuar* e *terminar* marcam os aspectos inceptivo, cursivo e terminativo, respectivamente, nas eventualidades descritas pelos verbos *dançar*, *cantar* e *escrever* nas sentenças acima. Ou seja, na sentença em (1), o aspectualizador *começar* indica a fase inicial da eventualidade descrita por *dançar*; na sentença em (2), *continuar* indica a fase central (ou o curso) da eventualidade descrita por *cantar*; e, por fim, *terminar* indica a fase final da eventualidade descrita por *escrever* na sentença em (3).

¹ Para um amplo estudo sobre os verbos aspectuais no português, ver Bertucci (2011). O autor diverge em alguns pontos da definição apresentada por Wachowicz (2007), porém a diferença entre as duas propostas não interfere na análise que propomos para os verbos aspectuais.

Apesar de serem caracterizados como operadores, e não como verbos plenamente lexicais, os verbos aspectuais podem ocorrer em dois tipos de sentenças, transitiva ou intransitiva, à semelhança do que ocorre na conhecida alternância causativo-incoativa, típica de verbos de mudança de estado do tipo de *quebrar*. A seguir, exemplificamos a alternância de *quebrar* (exemplo em (4)) e também a ocorrência dos verbos aspectuais *começar*, *continuar* e *terminar* em um tipo semelhante de alternância (exemplos em (5)-(7)):

- (4) a. O ladrão quebrou o vidro da porta.
b. O vidro da porta quebrou.
- (5) a. A professora começou a aula.
b. A aula começou.
- (6) a. O professor continuou a palestra.
b. A palestra continuou.
- (7) a. A professora terminou a aula.
b. A aula terminou.

Vários autores, como Levin (1993), Pustejovsky (1995), Wachowicz (2007) e Negrão e Viotti (2008), explicam a dupla configuração dos verbos aspectuais a partir do mesmo fenômeno apresentado em (4) acima, ou seja, para eles, trata-se da alternância causativo-incoativa. Porém, a partir do amplo estudo de Caçado et al. (2013) sobre verbos de mudança de estado, em que foram analisados mais de 600 itens desse tipo no português brasileiro (PB), constatou-se uma série de propriedades particulares da alternância causativo-incoativa, que não são encontradas nos exemplos de alternância com verbos aspectuais. Tal constatação motivou uma análise mais específica da alternância com esses operadores, que mostrasse exatamente

que processo sintático ocorre com eles, já que não parece ser a alternância causativo-incoativa. Neste artigo², nos propomos a realizar essa análise e tentamos mostrar, a partir de dados do PB, que a alternância com verbos aspectuais (assumidos por nós como predicadores monoargumentais) deriva de propriedades predicativas dos argumentos desses verbos.³ A alternância sintática desses verbos é, portanto, resultado de uma alternância argumental, não do verbo aspectual, mas de elementos predicadores que preenchem a posição argumental do aspectualizador. O fenômeno a ser analisado aqui se dá na interface entre sintaxe e semântica, já que propriedades semânticas entram em jogo e determinam a realização sintática transitiva ou intransitiva de um determinado item.

O artigo se organiza da seguinte forma: na seção seguinte, apresentamos a alternância causativo-incoativa e propomos que os exemplos apresentados não são instâncias desse fenômeno sintático-semântico; na seção 2, dividida em duas partes, fazemos uma proposta de estrutura argumental para os verbos aspectuais com base em ideias já propostas na literatura (na primeira parte) e apresentamos uma explicação para a ocorrência da alternância com os verbos aspectuais (na segunda parte); na seção 3, apresentamos nossas considerações finais.

1 A alternância causativo-incoativa e os verbos aspectuais

A alternância causativo-incoativa é um fenômeno de alternância argumental transitivo-intransitiva que ocorre com verbos de mudança de estado que não são estritamente agentivos (WHITAKER-FRANCHI, 1989;

² Este trabalho é fruto da tese de doutorado de Amaral (2015) e foi desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Semântica Lexical da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pela Professora Márcia Caçado (www.letras.ufmg.br/nucleos/nupes).

³ Os dados analisados neste trabalho foram retirados de Bertucci (2011) e se constituem dos seguintes verbos: *acabar, cessar, começar, continuar, encerrar, iniciar, parar, principiar, terminar*.

HASPELMATH, 1993; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995; REINHART, 2002; CANÇADO; AMARAL, 2010). Essa alternância, como formulada na literatura, pode ser caracterizada pela dupla estruturação sintático-semântica de um verbo, em uma forma transitiva/causativa ou em uma forma intransitiva/incoativa:⁴

- (8) a. O ladrão quebrou o vidro da porta.
b. O vidro da porta quebrou.

Uma primeira característica dessa alternância a ser apontada é seu caráter estritamente lexical. Jackendoff (1975) e Wason (1977) afirmam que a única restrição para a ocorrência desse fenômeno é o sentido lexical do verbo, sendo a alternância, portanto, restrita unicamente por propriedades lexicais.⁵ Rappaport Hovav (2014) aponta, ainda, que qualquer evento descrito por uma forma causativa do verbo pode também ser descrito por uma forma incoativa do mesmo item. Esse caráter lexical da alternância faz com que ela seja uma possibilidade constante em diferentes contextos de uso e pode ser confirmada a partir da construção de sentenças causativas e incoativas com qualquer tipo de argumento do verbo (atestando a argumentação de RAPPAPORT HOVAV, 2014). Por exemplo, para um verbo como *quebrar*, podemos construir sentenças incoativas para qualquer tipo de causativa, não havendo restrições de ordem sintática ou morfológica para a alternância:

⁴ Seguindo Lakoff (1970), o termo *incoativo*, como o utilizamos neste artigo, se relaciona à mudança de estado que pode ser parafraseada por uma sentença do tipo *x ficou/tornou-se estado*. O mesmo termo também é empregado como sinônimo de *aspecto inceptivo* na literatura, como aponta Haspelmath (1993).

⁵ Levin e Rappaport Hovav (1995), Piñón (2001) e Hale e Keyser (2002) também afirmam que o processo é lexical no inglês; Reinhart e Siloni (2005) e Horvath e Siloni (2011) fazem a mesma afirmação, assumindo um caráter universal. No PB, Caçado e Amaral (2010) e Caçado et al. (2013) também assumem essa perspectiva.

- (9) a. O ladrão quebrou o vidro da porta.
b. O vidro da porta quebrou.
- (10) a. O vento quebrou o galho da árvore.
b. O galho da árvore quebrou.
- (11) a. A crise quebrou a empresa.
b. A empresa quebrou.
- (12) a. O uso excessivo quebrou a máquina.
b. A máquina quebrou.
- (13) a. O médico quebrou a perna do paciente.
b. A perna do paciente quebrou.

Cançado et al. (2013)⁶ constataram que essa propriedade lexical da alternância se mantém no PB, em muitos verbos além do verbo *quebrar*. Segundo as autoras, a única restrição (condição necessária e suficiente) para a ocorrência da alternância causativo-incoativa é a lexicalização do sentido de mudança de estado no verbo (que as autoras representam pela estrutura de decomposição de predicados [BECOME Y <STATE>], em que BECOME representa a mudança e <STATE> representa o estado final da mudança, específico de cada verbo – *quebrado*, no caso de *quebrar*, *seco*, no caso de *secar*, *curado*, no caso de *curar* e assim por diante).

Além dessa característica específica das restrições para a alternância, as formas incoativas ainda apresentam uma propriedade morfosintática peculiar: em PB, e em outras línguas românicas, a forma intransitiva dessa alternância pode, para a maioria dos verbos, mas não para todos, ser marcada

com o clítico *se* (ou outros correspondentes às outras pessoas do discurso), que, nesses casos, não possui valor argumental (CAMACHO, 2003):

- (14) a. O ladrão quebrou o vidro da porta.
b. O vidro da porta quebrou./ O vidro da porta se quebrou.
- (15) a. O calor murchou a rosa.
b. A rosa murchou./ *A rosa se murchou.

Haspelmath (1987) assume que a marca morfosintática indica a estrutura sintática derivada. Com base nessa proposta, Cançado e Amaral (2010) e Cançado et al. (2013) propõem que os verbos que aceitam o clítico *se* na forma incoativa, como *quebrar*, são basicamente causativos e a alternância causativo-incoativa é, nesses casos, uma incoativização, ou seja, uma supressão da causação na sintaxe, deixando na sentença intransitiva apenas o sentido de mudança de estado. Diferentemente, segundo as autoras, os verbos de mudança de estado que não admitem a inserção do *se* na forma incoativa, como *murchar*, são basicamente incoativos e o processo sofrido por eles na alternância causativo-incoativa é uma causativização, ou seja, ocorre a inserção de uma causação no verbo incoativo. Ideias semelhantes são também apontadas por Levin (2009). A autora propõe que verbos como *wilt* ‘murchar’ no inglês são basicamente incoativos e sofrem causativização, enquanto que *break* ‘quebrar’ e outros do mesmo tipo são basicamente causativos e sofrem incoativização.

Cançado et al. (2013) notam, ainda, que todos os verbos que aceitam um agente na forma transitiva aceitam o *se* na forma incoativa. Para comprovar essa agentividade, as autoras mostram que tais verbos podem ser passivizados, o que é característica de verbos agentivos:

- (16) O vidro da porta foi quebrado pelo ladrão.

⁶ As autoras fazem em um amplo estudo do léxico verbal do PB, que contou com a análise de 682 verbos que participam da alternância causativo-incoativa.

Além disso, todos os verbos que não aceitam o *se* na forma incoativa também não aceitam um agente na forma transitiva. Novamente, as autoras mostram essa correlação através da passivização: os verbos que não aceitam *se* na forma incoativa não podem ser passivizados, o que é característica de verbos processuais, não agentivos:

- (17) a. *O vendedor murchou a rosa deliberadamente.
b. *A rosa foi murchada pelo vendedor.

Labelle (1992) também segue a mesma linha de análise, apontando que o clítico *se* nas incoativas do francês apenas aparece em verbos que denotam eventos não espontâneos, causados por um agente. Em eventos espontâneos, em que não pode entrar a volição, como *vieillir* ‘envelhecer’, o *se* não é possível, assim como no caso de *murchar* e do próprio *envelhecer* em PB.

Com a análise de Cançado et al. (2013), é possível chegar à seguinte generalização sobre a alternância causativo-incoativa e sua marcação morfossintática: todos os verbos de mudança de estado que aceitarem um agente na forma causativa aceitarão também a marca *se* na forma incoativa.⁷

Ainda, nos resta apresentar uma característica final da alternância causativo-incoativa, que é, em realidade, relacionada à restrição para essa alternância, a mudança de estado. Autores como Lakoff (1970) e Parsons (1990) apontam que os verbos de mudança de estado possuem um tipo de acarretamento específico, que explicita uma mudança através de um verbo como *become* (‘tornar-se’ ou ‘ficar’ em português) e um adjetivo ou uma forma

participial relacionados ao verbo. Essa afirmação pode ser corroborada a partir das paráfrases abaixo, propostas no trabalho de Lakoff (1970):

- (18) O ladrão *quebrou* o vidro da porta. O ladrão *fez* o vidro da porta *tornar-se/ficar quebrado*.
(19) O vidro da porta (*se*) *quebrou*. O vidro da porta *tornou-se/ficou quebrado*.
(20) O calor *murchou* a rosa. O calor *fez* a rosa *tornar-se/ficar murcha*.
(21) A rosa *murchou*. A rosa *tornou-se/ficou murcha*.

Com base nas propostas de Lakoff (1970) e de Parsons (1990), Cançado et al. (2013) propõem que os verbos de mudança de estado em PB, que participam da alternância causativo-incoativa, podem ser definidos a partir de um acarretamento do tipo *tornar-se/ficar estado*. De fato, as autoras atestaram em seus dados a ocorrência dessa paráfrase em todos os verbos que participam da alternância causativo-incoativa no PB. Dessa forma, podemos concluir que essa característica semântica é também própria da alternância causativo-incoativa.

Com o que apresentamos acima, temos agora em mãos as características básicas da alternância causativo-incoativa, apontadas para diferentes línguas e por diferentes autores da literatura e analisadas extensamente para um grande grupo de dados do PB no trabalho de Cançado et al. (2013). Estamos, portanto, aptos a analisar as sentenças com verbos aspectuais e a avaliar se realmente tais exemplos instanciam a alternância causativo-incoativa, como afirmam Levin (1993), Pustejovsky (1995), Wachowicz (2007) e Negrão e Viotti (2008).

A primeira característica que analisamos é a natureza lexical da restrição para a alternância causativo-incoativa. Como já afirmamos, a alternância causativo-incoativa é restrita exclusivamente pelo sentido lexical do verbo

⁷ Note-se que, com isso, não estamos afirmando que todos os verbos que aceitam *se* são agentivos. De fato, existem em PB verbos que não aceitam agentes na forma causativa e que são marcados com *se* na forma incoativa (*preocupar*, por exemplo), como aponta Cançado (1995). A generalização relevante para nossa argumentação é a oposta: todo verbo de mudança de estado que aceitar um agente na forma causativa poderá ser marcado com *se* na forma incoativa.

(e não por quaisquer elementos que aparecem na sentença). Como aponta Rappaport Hovav (2014), qualquer evento descrito pela forma causativa pode também ser descrito pela forma incoativa, considerando um mesmo verbo. Isso implica que para qualquer tipo de argumento que apareça na sentença, o verbo manterá a sua capacidade de alternar entre as formas causativa e incoativa. Portanto, para afirmarmos que os verbos aspectuais participam da alternância causativo-incoativa, devemos mostrar que esses elementos alternam independentemente de seus argumentos e independentemente de outros elementos da sentença. E isso, em realidade, não ocorre, como podemos observar a partir dos exemplos a seguir:

- (22) a. * O meteorologista começou a chuva.
b. A chuva começou.
- (23) a. * O prefeito continuou a preocupação com a falta de água.
b. A preocupação com a falta de água continuou.
- (24) a. * O santo terminou a tempestade.
b. A tempestade terminou.

Comparemos esses exemplos com as sentenças em (5)-(7), repetidas abaixo:

- (25) a. A professora começou a aula.
b. A aula começou.
- (26) a. O professor continuou a palestra.
b. A palestra continuou.
- (27) a. A professora terminou a aula.
b. A aula terminou.

Se alterarmos o argumento do verbo aspectual na forma intransitiva, alteramos a possibilidade de ocorrência da forma transitiva. A forma transitiva dos verbos aspectuais, portanto, não é licenciada em alguns contextos sentenciais. Isso nos mostra que a restrição para a alternância não é de caráter lexical e essa é a primeira evidência de que esses verbos não participam da alternância causativo-incoativa.

A segunda característica da alternância causativo-incoativa que analisamos é a generalização a respeito da marca morfossintática *se*. Conforme Cançado et al. (2013), todo verbo alternante que aceitar um agente na forma causativa poderá ser marcado com o clítico *se* na forma incoativa. Para os verbos aspectuais, é possível termos sentenças com sujeitos agentes, o que pode ser evidenciado a partir da possibilidade de sentenças subordinadas de finalidade, que indicam intencionalidade e volição:

- (28) A professora começou a aula para acalmar os alunos.
- (29) O professor continuou a palestra para alegrar os investidores.
- (30) A professora terminou a aula para sair logo, a tempo de pegar o ônibus.⁸

Entretanto, os verbos aspectuais não ocorrem com o clítico *se* na forma intransitiva, mesmo quando esses verbos aceitam agentes, diferentemente dos casos de alternância causativo-incoativa:

- (31) * A aula se começou.

⁸ Note-se que a passivização não é possível com a maioria dos aspectuais, visto que eles já possuem função de auxiliar, como discutiremos na seção 2. *Iniciar* e *encerrar* podem ser passivizados e, curiosamente, aceitam a marca *se*. Assumimos que essa correlação deve ser investigada, porém ela não é suficiente para evidenciar que *iniciar* e *encerrar* devam ser analisados como itens participantes da alternância causativo-incoativa. É importante ressaltar que esses verbos não possuem as outras duas características desse fenômeno que apontamos.

(32) * A palestra se continuou.

(33) * A aula se terminou.

Essa característica é a segunda evidência que apontamos para corroborar a nossa afirmação de que sentenças alternantes com verbos aspectuais não instanciam a alternância causativo-incoativa.

Por fim, a terceira característica da alternância causativo-incoativa que apontamos é a semântica dos verbos alternantes. Todos os verbos que ocorrem nessa alternância, no levantamento de Cançado et al. (2013), acarretam sentenças do tipo *x fez y tornar-se/ficar estado* (para a forma causativa) e *y ficou/tornou-se estado* (para a forma incoativa). Tais acarretamentos não podem ser derivados de sentenças com verbos aspectuais; inclusive, tais sentenças com participípios de verbos aspectuais não são gramaticais:

(34) a. *A professora fez a aula tornar-se/ficar começada.

b. *A aula tornou-se/ficou começada.

(35) a. *O professor fez a palestra tornar-se/ficar continuada.

b. *A palestra tornou-se/ficou continuada.

(36) a. *A professora fez a aula tornar-se/ficar terminada.

b. *A aula tornou-se/ficou terminada.

Os exemplos de verbos aspectuais alternantes não são, portanto, casos da alternância causativo-incoativa, já que esses itens não denotam uma mudança de estado do tipo *tornar-se/ficar estado*, como mostram as sentenças agramaticais acima.

Apontamos nesta seção três características básicas da alternância causativo-incoativa elencadas na literatura (para diferentes línguas e por diferentes autores): a natureza lexical das restrições, a ocorrência do clítico

se em formas intransitivas de verbos que aceitam um argumento agente na forma transitiva (no PB) e a consistência semântica dos verbos alternantes – todos são verbos de mudança de estado que acarretam *tornar-se/ficar estado*. Mostramos que os verbos aspectuais que podem ter uma alternância do tipo transitivo-intransitiva não possuem nenhuma dessas características. Concluímos, portanto, que a alternância que ocorre com os verbos aspectuais não é a alternância causativo-incoativa. Na seção seguinte, apresentamos nossa análise para esse fenômeno.

2 Uma nova análise para a alternância com verbos aspectuais

2.1 A estrutura argumental dos verbos aspectuais

Como já apontamos, os verbos aspectuais podem aparecer em sentenças agentivas. Retomamos alguns exemplos a seguir:

(37) A professora começou a falar sobre Chomsky.

(38) O professor continuou a dar palestras sobre linguística.

(39) A professora terminou de escrever a matéria.

Com base nas sentenças que mostramos, poderíamos pensar que os verbos aspectuais são de fato verbos agentivos, pois comportam um argumento agente na posição de sujeito. Porém, é possível mostrar que o agente nessas sentenças não é dos verbos aspectuais, mas está relacionado às eventualidades sobre as quais os verbos aspectuais operam, como já apontam Newmeyer (1975) e Dixon (1994). Se construirmos sentenças com verbos aspectuais e eventualidades não agentivas, veremos que o argumento agente não aparece. Como já mostramos em (22), a sentença com um verbo

aspectual e o DP *a chuva*, que contém um nome relacionado ao verbo *chover* e que denota uma eventualidade não agentiva, não aceita um agente na posição de sujeito na forma transitiva (relembrando o exemplo em (22): *a chuva começou*/**o meteorologista começou a chuva*). Ainda, mostramos outro exemplo que corrobora essa afirmação:

(40) As saídas da Rosa começaram a preocupar a Maria.

O verbo *preocupar*, como afirma Cançado (1995), não aceita um agente na posição de sujeito, mas somente um argumento com papel temático de causa. Na sentença em (40), a mesma restrição é imposta, ou seja, o sujeito de *começar a preocupar* também só pode ser uma causa.⁹ Isso nos mostra que o sujeito da sentença é selecionado por *preocupar*, e não por *começar*. Concluímos, portanto, que os argumentos agentes em uma sentença com um verbo aspectual não são do verbo aspectual, mas são argumentos do verbo ou do nome que denotam a eventualidade interna da sentença, sobre a qual o verbo aspectual opera. Para Newmeyer (1975), os verbos aspectuais são “transparentes” em relação à restrição argumental. O autor também aponta sentenças como **o Túlio começou ao Marcos trabalhar* para evidenciar essa afirmação. Em uma sentença como essa, que é agramatical, o predicador *trabalhar*, sobre o qual opera o aspectualizador *começar*, já tem sua posição argumental saturada pelo argumento *o Marcos*. Assim, como o aspectualizador não pede argumentos além da eventualidade sobre a qual opera, não é possível que outro argumento entre na posição de sujeito da sentença. Se o argumento do verbo encaixado não aparecer na posição de sujeito, nenhum outro elemento poderá ocupar tal posição.

⁹ Apesar de uma entidade animada poder aparecer como sujeito nessas sentenças, a denotação desse elemento é sempre de uma eventualidade causadora, e não de um indivíduo que age volitivamente (CANÇADO, 1995).

Com base em argumentações semelhantes, Alexiadou e Anagnostopoulou (1999), Fukuda (2007) e Horvath e Sioni (2011) argumentam que os verbos aspectuais são incluídos no conjunto dos verbos de alçamento (*raising verbs*), que se caracterizam, justamente, por permitir que o argumento de um predicador encaixado seja alçado para a posição de sujeito. Em português, um exemplo desse tipo de verbo é *parecer*, que toma um argumento sentencial: *parece que a Maria está doente*. O argumento *a Maria* do verbo encaixado pode ser alçado para a posição de sujeito de *parecer*, formando uma sentença como *a Maria parece estar doente*.

Além de uma análise em termos de alçamento, na literatura também existem propostas que tratam os verbos aspectuais como auxiliares, como é o caso de Rech (2011). Para os auxiliares, também é assumido que os argumentos que aparecem na posição de sujeito não são do auxiliar, mas do verbo que o acompanha (COELHO, 2006; TRAVAGLIA, 2007; RECH, 2011). Por exemplo, para um auxiliar como *haver* podemos ter sentenças como *havia chovido*, em que não aparece nenhum argumento, por causa do verbo *chover*, e sentenças como *o padre havia chegado*, em que o argumento de *chegar* aparece na posição de sujeito.

Apesar de se comportarem como verbos de alçamento e como auxiliares, os aspectuais apresentam uma importante diferença em relação a esses dois tipos de verbos: são os únicos que aceitam complementos DPs, como já apontado por Perlmutter (1968, 1970, *apud* FUKUDA, 2007). Por exemplo, verbos de alçamento, como *parecer*, e auxiliares, como *haver*, não podem ocorrer com complementos DPs, mesmo que estes denotem eventos: **parece [o adoecimento da Maria]_{DP}* ou **havia [a chegada do padre]_{DP}*.¹⁰ Não

¹⁰ Esses verbos podem ocorrer com complementos DPs em seu sentido polissemico, sendo interpretados como verbos plenamente lexicais (*o João parece o Pedro/há comida na despensa*). No caso dos aspectuais, a escolha do tipo sintático do complemento não se relaciona a uma polissemia do verbo: *a professora começou a dançar/a professora começou a dançar*.

tentaremos propor aqui uma explicação para esse fato, mas apontamos que é assumido na literatura que os aspectualizadores passaram por um processo de gramaticalização, originando operadores a partir de verbos com um conteúdo semântico pleno (TRAVAGLIA, 2007). Conforme Coelho (2013), em processos de gramaticalização, certos traços formais do item lexical podem se manter, até mesmo na forma mais gramaticalizada.¹¹ A autora aponta que no caso da gramaticalização dos verbos auxiliares, onde podemos incluir os aspectuais, “o verbo auxiliar mantém a propriedade de selecionar argumentos” (COELHO, 2013, p. 527). Dessa forma, podemos levantar a hipótese de que, mantendo determinados traços de um verbo plenamente lexical, como na proposta da autora, o operador seleciona uma forma não verbal, um DP, por meio de um princípio de subcategorização. Rech (2011) também aponta uma gradualidade em relação à auxiliaridade, argumentando também que os aspectuais ainda mantêm características de verbos plenos.

Independentemente de se considerar os verbos aspectuais como verbos de alicamento ou como auxiliares, seguindo as argumentações desses autores e com base nos exemplos apresentados, podemos concluir que o sujeito nas sentenças com os verbos aspectuais não é um argumento desses verbos, nem mesmo quando este subcategoriza um DP, como já mostramos.¹² Assim, assumimos que esses itens são predicadores monoargumentais, que selecionam uma eventualidade como argumento (NEWMAYER, 1975; OYHARÇABAL, 2003; WACHOWICZ, 2007). Sintaticamente, essa eventualidade pode aparecer como um VP (complemento de P), como um

¹¹ Segundo Coelho (2013), existe uma hierarquia de traços que determina, no processo de gramaticalização, os traços mais facilmente perdidos (ou mais fracos) e os traços mais permanentes (ou mais fortes). Segundo a autora, a propriedade de subcategorização, que parece se manter no caso da gramaticalização dos aspectuais, é um traço considerado forte.

¹² Não nos estenderemos aqui sobre essas questões sintáticas, já que o que nos interessa é simplesmente o fato de que os sujeitos de sentenças com verbos aspectuais na forma transitiva não são argumentos desses verbos. Remetemos o leitor ao trabalho de Fukuda (2007) para mais detalhes.

DP ou como gerúndio (BERTUCCI, 2011). Exemplificamos cada um desses casos, respectivamente, com as sentenças em (41) abaixo:

- (41) a. Continua [a [chegar cartas no antigo endereço]_{VP}]_{PP}.
 b. Continua [a briga dos meninos pelo controle remoto]_{DP}.
 c. Continua [caindo pedras de gelo]_{GerP}.

Os argumentos dos verbos e dos nomes contidos nesses sintagmas podem aparecer na posição de sujeito do verbo aspectual, à semelhança do que ocorre com os verbos de alicamento e com os auxiliares, como já apontamos. No caso dos exemplos acima, os argumentos de *chegar*, de *briga* e de *cair* podem ocupar a posição de sujeito da sentença:

- (42) a. *Cartas* continuam a chegar no antigo endereço.
 b. *Os meninos* continuam a briga pelo controle remoto.
 c. *Pedras de gelo* continuam caindo.

Assumiremos, portanto, seguindo autores como Newmeyer (1975), Oyharçabal (2003) e Wachowicz (2007), que os verbos aspectuais são operadores monoargumentais, que tomam eventualidades como argumento. Essa característica desses operadores é crucial para a explicação de sua alternância sintática, como mostramos a seguir.

2.2 Alternância argumental

Tendo estabelecido uma estrutura argumental para os aspectualizadores, resta-nos, portanto, propor uma explicação para a ocorrência de formas transitivas e intransitivas com esses verbos. Primeiramente, propomos que a ocorrência de duas formas sintáticas não reflete diferentes possibilidades de ocorrência para os argumentos do verbo aspectual, já que o item que

pode aparecer na posição de sujeito na forma transitiva não é um argumento desses verbos. Na verdade, a alternância reflete diferentes possibilidades de ocorrência para os argumentos do complemento do verbo aspectual, que denota a eventualidade sobre a qual o verbo aspectual opera. Vejamos alguns exemplos com diferentes tipos de eventualidades como complementos dos verbos aspectuais:

- (43) a. Começou/continuou/terminou a nevasca.
 b. * O inverno começou/continuou/terminou a nevasca.
- (44) a. Começou/continuou/terminou a corrida.
 b. Os atletas começaram/continuaram/terminaram a corrida.

Em (43), o nome *nevasca* não possui argumentos (**a nevasca do inverno*), portanto, a única sentença possível com o verbo aspectual é a intransitiva. Como o nome não possui argumentos, não existe nenhum elemento que possa ocupar a posição de sujeito do verbo aspectual e a sentença transitiva não é licenciada. Em (44), o nome contido no DP, *corrida*, possui um argumento (*a corrida dos atletas*), porém, como afirma Borba (1996), não há obrigatoriedade de esse argumento aparecer na sintaxe (*corrida* ou *corrida dos atletas*). Assim, as duas formas sintáticas ocorrem, já que é possível a forma intransitiva, quando não aparece o argumento do nome (em (44a)), e a forma transitiva, com o argumento do nome na posição de sujeito (em (44b)). Também é possível a ocorrência de uma forma intransitiva com o argumento do nome *in situ*: *começou/ continuou/ terminou a corrida dos atletas*.

Com os exemplos apresentados acima, propomos que a ocorrência dos verbos aspectuais em uma alternância do tipo transitivo-intransitiva decorre da opcionalidade do argumento da eventualidade interna. Se não houver argumentos (como no caso de *chuva* e *nevasca*), não haverá alternância,

pois a forma transitiva não será licenciada, já que não há um elemento que poderia ocupar a posição de sujeito. Para que possa haver alternância com o verbo aspectual que seleciona um complemento DP, o nome contido neste DP deve ter pelo menos um argumento que, pela natureza sintática dos nomes, é opcional (BORBA, 1996) (mostraremos mais à frente como ocorre a alternância com complementos verbais). É o que ocorre com *briga* e *corrida*, cujos argumentos opcionais podem ser alçados para a posição de sujeito, originando uma sentença transitiva, e podem não aparecer na sintaxe ou permanecer *in situ*, originando uma sentença intransitiva.

É fácil perceber como nomes como *briga* e *corrida* possuem um argumento, já que são morfologicamente relacionados aos verbos *brigar* e *correr* e possuem o mesmo tipo de argumento que esses verbos, um agente. Porém, nos exemplos em (25)-(27), os complementos dos verbos aspectuais são nomes não relacionados a verbos, como *aula* e *palestra*. Repetimos esses exemplos a seguir:

- (45) a. A professora começou a aula.
 b. A aula começou.
- (46) a. O professor continuou a palestra.
 b. A palestra continuou.
- (47) a. A professora terminou a aula.
 b. A aula terminou.

Quando verbos aspectuais selecionam complementos DPs, necessariamente deve haver um nome que denota uma eventualidade dentro desses DPs. Apesar de não relacionados a verbos, nomes como *aula* e *palestra* denotam eventualidades. Poderíamos nos perguntar, então, como pode ocorrer alternância nos exemplos acima, já que esses nomes não têm um

verbo relacionado do qual poderiam “herdar” argumentos. Para Gross (1996), Borba (1996) e Jezek (2008), nomes desse tipo têm função predicadora e têm pelo menos uma construção com verbo suporte (por exemplo, *dar aulas*).¹³ Segundo os autores, não são todos os nomes com função predicadora que derivam de verbos. Borba (1996) afirma que nomes como *dieta, infância, vontade, greve e idade*, em português, têm função predicadora, mesmo não sendo derivados de verbos. Assumimos que esse é o caso de nomes como *aula e palestra*. Observamos que há de fato um paralelismo entre a estrutura argumental de nomes morfologicamente relacionados a verbos, como *dança*, e nomes como *aula e palestra*. Em ambos os casos, DPs podem ser construídos com o nome e um tipo de agente nucleado por *de*:

(48) A dança da bailarina (A bailarina dançou.)

(49) A aula da professora (A professora deu a aula.)

(50) A palestra do cientista (O cientista deu a palestra.)

Esse paralelismo nos leva a concordar com Gross (1996), com Borba (1996) e com Jezek (2008) e a assumir que, mesmo quando os verbos aspectuais têm como complementos DPs com nomes não morfologicamente relacionados a verbos, os argumentos que aparecem em posição de sujeito na sentença transitiva não são do verbo, mas do nome. O mesmo paralelismo é encontrado em nomes não agentivos, e, nesses casos, o nome recebe um argumento nucleado por *de* com outro papel temático (experenciador ou paciente). Podemos observar o paralelismo entre o nome *preocupação*,

relacionado a *preocupar*, e os nomes *ciúme e vontade*, que não se relacionam morfologicamente a verbos:

(51) A preocupação de Maria (Maria se preocupa.)

(52) O ciúme de Leandro (Leandro tem ciúme.)

(53) A vontade do Paulo (O Paulo tem vontade.)

Concluímos, então, que a alternância com os verbos aspectuais (selecionando DPs) pode ocorrer quando o complemento contiver um nome que seleciona pelo menos um argumento. A opcionalidade desse argumento na sintaxe é o que determina a ocorrência da alternância.

Voltando-nos agora aos casos em que os aspectuais ocorrem com complementos verbais, notamos que, diferentemente de nomes como *briga, corrida e dança*, os verbos possuem mais restrições em relação à opcionalidade de seus argumentos. Mostramos um exemplo com o verbo *dançar*, que pede um argumento cuja realização sintática é obrigatória. A única sentença possível com *dançar* e um verbo aspectual é a transitiva:

(54) a. * Começou/continuou a dançar.

b. * Terminou/parou de dançar.

(55) a. O bailarino começou/continuou a dançar.

b. O bailarino terminou/parou de dançar aquela valsa.¹⁴

¹³ Borba (1996) levanta a hipótese de que todo nome abstrato, como *palestra, aula, dieta, infância, vontade, greve e idade* se vincula a um verbo suporte em um tipo de estrutura profunda (*dar palestra, dar aula, fazer dieta, ter infância, ter vontade, fazer greve e ter idade*). O autor afirma que, mesmo em uma estrutura com verbo suporte, o nome mantém sua função predicadora.

¹⁴ O verbo *terminar* seleciona eventualidades télicas, por isso uma sentença como **o bailarino terminou de dançar* é agramatical, já que *dançar* descreve um evento de atividade (BERTUCCI, 2011). Em nossos exemplos, todas as vezes que precisarmos exemplificar a ocorrência de uma eventualidade atélica com os verbos aspectuais, incluiremos o verbo *parar*.

Como não há opcionalidade de realização na sintaxe para os argumentos das eventualidades internas, uma sentença sem o sujeito não é licenciada nesses casos. O argumento de *dançar* sempre deve estar presente na sentença, ocorrendo na posição de sujeito do verbo aspectual. Com verbos que não aceitam argumentos, como no caso de *chover*, apenas a forma sem sujeito é possível: *começou a chover*/**o meteorologista começou a chover*.

Outros tipos de verbos, porém, apresentam opcionalidade de realização de seus argumentos na sintaxe, quando obedecidas certas restrições. Essa opcionalidade pode ser exemplificada com as diferentes alternâncias argumentais elencadas em Amaral (2015): além da alternância causativo-incoativa, as construções de resultado (que ocorrem com verbos transitivos agentivos, *alguém lavou a roupa/a roupa já lavou*), as médias (que ocorrem com verbos de movimento, *a mãe sentou o menino/o menino sentou*), as metonímias (que permitem a supressão do agente em verbos do campo semântico dos veículos, *o piloto acelerou o carro/o carro acelerou*) e a alternância parte-todo (um argumento que denota a parte de um todo pode ser desmembrado, *o pé da menina inchou/a menina inchou o pé*).¹⁵ Quando o verbo que denota a eventualidade interna participa de qualquer uma das alternâncias elencadas acima (podendo “perder” um de seus argumentos ou “ganhar” um novo argumento), diferentes tipos de sentenças com os verbos aspectuais podem ocorrer. A seguir, apresentamos exemplos desse tipo, mostrando que, para todos os verbos que participam das alternâncias apresentadas, pode ocorrer a reorganização dos argumentos em sentenças com verbos aspectuais:

- (56) a. O ladrão começou/continuou a quebrar a janela. (causativo-incoativa)
 b. A janela começou/continua a quebrar.¹⁶
 c. O ladrão terminou de quebrar a janela.
 d. A janela terminou de quebrar.
- (57) a. A faxineira começou/continuou a lavar a roupa. (construção de resultado)
 b. A roupa começou a lavar/ continua lavando.
 c. A faxineira terminou de lavar a roupa.
 d. A roupa já terminou de lavar.
- (58) a. O pai começou/continuou a sentar o menino na mesa. (média)
 b. O menino começou/continuou a se sentar na mesa.
 c. O pai terminou de sentar o menino na mesa.
 d. O menino terminou de sentar na mesa.
- (59) a. O motorista começou/continuou a acelerar o carro. (metonímia)
 b. O carro começou/continuou a acelerar.
 c. O motorista parou de acelerar o carro.
 d. O carro parou de acelerar.
- (60) a. O pé da menina começou/continua a inchar. (parte-todo)
 b. A menina começou/continua a inchar o pé.
 c. O pé da menina parou de inchar.
 d. A menina parou de inchar o pé.

É importante notar, entretanto, que as sentenças em (56)-(60) não são do mesmo tipo das sentenças apresentadas em (45)-(47). No caso das sentenças

¹⁵ Sobre cada uma das alternâncias exemplificadas, ver Amaral (2015); sobre a alternância parte-todo, ver Caçado (2010). Todas essas alternâncias possuem uma forma transitiva DP₁ V DP₂ e uma forma intransitiva DP₂ V.

¹⁶ Conforme Bertucci (2011), *continuar* seleciona como argumento eventualidades de atividade e de *accomplishment*. Como nos exemplos em (56b), em (57b), em (60a) e em (60b) temos *achievements* como complementos do aspectualizador, tais sentenças podem soar estranhas em uma leitura pontual, com o pretérito perfeito do indicativo. Porém, soam perfeitas em uma leitura iterativa, obtida através da flexão de presente do aspectualizador e do gerúndio na posição de complemento, como em (57b).

exemplificadas em (45)-(47), o argumento em posição de complemento das sentenças transitivas ocorre em posição de sujeito nas sentenças intransitivas. Essa propriedade sintática se mantém em sentenças com verbos aspectuais com complementos DPs, como mostramos em nossos exemplos ao longo desta seção. Porém, nos casos em (56)-(60), aparecem VPs nucleados por verbos alternantes como complementos de verbos aspectuais. Nesses casos, parece haver maior exigência em relação à ocorrência do sujeito, uma vez que verbos são mais exigentes que nomes em relação à realização sintática e também à posição de seus argumentos. Observe que manter o argumento do verbo interno na posição de complemento (*in situ*, sem alçamento para a posição de sujeito) torna a maioria das sentenças em (b) acima agramaticais:

(61) *Começou/continuou a quebrar o vaso.

(62) *Começou/ continuou a lavar a roupa.

(63) *Começou/continuou a o menino se sentar na mesa.

(64) *Começou/continuou a acelerar o carro.

(65) ?Começou/continuou a inchar o pé da menina.

Notamos, contudo, que verbos inacusativos permitem com maior facilidade a alocação de seu argumento *in situ*, sem alçamento para a posição de sujeito do aspectualizador (*começou a cair a chuva/ continua a chegar cartas no antigo endereço*) e que verbos que não pedem argumentos também ocorrem sem o sujeito (*começou a chover*).

Além disso, essa propriedade de reorganização com complementos verbais ou sentenciais também ocorre com verbos de alçamento e auxiliares prototípicos, não sendo, portanto, uma característica exclusiva dos verbos aspectuais. Mostramos nos exemplos abaixo que um verbo de alçamento

(*parecer*) e um auxiliar (*haver*) se comportam exatamente como os aspectuais em relação a essa característica sintática:

(66) a. O ladrão parece ter quebrado a janela. (causativo-incoativa)

b. A janela parece ter quebrado.

c. O ladrão havia quebrado a janela.

d. A janela havia quebrado.

(67) a. A faxineira parece ter lavado a roupa. (construção de resultado)

b. A roupa parece já ter lavado.

c. A faxineira havia lavado a roupa.

d. A roupa já havia lavado.

(68) a. O pai parece ter sentado o menino na mesa. (média)

b. O menino parece ter se sentado na mesa.

c. O pai havia sentado o menino na mesa.

d. O menino havia se sentado na mesa.

(69) a. O motorista parece ter acelerado o carro. (metonímia)

b. O carro parece ter acelerado.

c. O motorista havia acelerado o carro.

d. O carro havia acelerado.

(70) a. O pé da menina parece ter inchado. (parte-todo)

b. A menina parece ter inchado o pé.

c. O pé da menina havia inchado.

d. A menina havia inchado o pé.

Com os exemplos apresentados, concluímos que, com complementos verbais (inseridos em um PP), os verbos aspectuais, assim como verbos de alçamento e auxiliares prototípicos, podem alternar, apresentando

sentenças com mais ou menos argumentos, dependendo da quantidade de argumentos do verbo interno e das alternâncias licenciadas por ele. Entretanto, as sentenças desse tipo se diferem daquelas com complemento DP, que instanciam de fato uma alternância do tipo transitivo-intransitiva. Inclusive, a forma transitiva com complementos verbais, para os aspectuais, é DP V PP e a forma intransitiva é V PP (licenciada apenas para verbos que não pedem argumentos, como *chover*, e para verbos inacusativos, como *cair*). Como já mencionamos, os verbos aspectuais se diferenciam tanto dos verbos de alçamento como dos auxiliares por permitirem complementos DPs. É justamente essa característica dos aspectuais que permite sua ocorrência na alternância apresentada, muitas vezes confundida com a alternância causativo-incoativa. Nesse último caso, a forma da alternância é DP₁ V DP₂ (transitiva) e DP₂ V (intransitiva). Outros tipos de verbos de alçamento e de auxiliares não participam dessa alternância, já que, apesar de tomarem complementos que podem ter argumentos, não aceitam complementos DPs (FUKUDA, 2007; WACHOWICZ, 2007). Concluimos, portanto, que a alternância argumental dos verbos aspectuais ocorre quando os complementos desses verbos contêm predicadores que podem ou não ter seus argumentos realizados sintaticamente, ou seja, a alternância decorre da opcionalidade do argumento do predicador encaixado. Com essa conclusão, reafirmamos a nossa proposta de que esses verbos não participam da alternância causativo-incoativa.

Considerações Finais

Apresentamos neste artigo uma proposta de análise para o fenômeno de alternância argumental que ocorre com os verbos aspectuais. Mostramos, primeiramente, que esses verbos não participam da alternância causativo-incoativa. Para isso, apresentamos três características dessa alternância: seu caráter lexical, a ocorrência da marca morfossintática do clítico *se* e a

característica semântica de mudança de estado (explicitada por paráfrase com *ficar/tonar-se estado*). As sentenças com verbos aspectuais não apresentam nenhuma dessas propriedades, portanto, concluímos que a alternância desses verbos não é a causativo-incoativa.

Em seguida, apresentamos uma análise para a ocorrência dos aspectualizadores em duas diferentes formas sintáticas. Mostramos que esses verbos apenas possuem uma forma transitiva se selecionarem um argumento que é também predicador. Portanto, concluímos que, em realidade, a alternância argumental não é do verbo aspectual propriamente, mas do seu argumento. A nossa proposta é que, em casos em que os aspectuais selecionam argumentos DPs, a alternância resulta da opcionalidade do argumento do nome que denota a eventualidade sobre a qual o verbo aspectual opera. Somente pode ocorrer a forma transitiva se nesse DP houver um nome predicador. A opcionalidade do argumento desse predicador, que pode aparecer na sintaxe ou não, permite que o verbo aspectual ocorra na sintaxe com as formas DP₁ V DP₂ e DP₂ V. Essa propriedade é exclusiva dos aspectuais e os diferencia tanto dos auxiliares quanto dos verbos de alçamento. Em casos em que os aspectuais selecionam argumentos verbais também ocorre alternância. Os verbos podem ocorrer em sentenças com mais ou menos argumentos, dependendo da quantidade de argumentos do verbo interno e das alternâncias licenciadas por ele. Nesses casos, o aspectualizador poderá aparecer na sintaxe com as formas DP V PP (transitiva) e V PP (intransitiva). Nesse ponto, os aspectuais não se diferenciam dos verbos de alçamento e auxiliares prototípicos.

Referências

AMARAL, L. *A alternância transitivo-intransitiva no português brasileiro: fenômenos semânticos*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2015.

- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. Raising without infinitives and the nature of agreement. *The proceedings of the 18th West Coast Conference on Formal Linguistics*. 1999. p. 14-26.
- BERTUCCI, R. *Uma análise semântica para verbos aspectuais no português brasileiro*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, USP, São Paulo, 2011.
- BORBA, F. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- CAMACHO, R. Em defesa da categoria de voz média no português. *DELTA*, v. 19, n. 1, p. 91-122, 2003. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502003000100004>
- CANÇADO, M. *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas, 1995.
- CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 77-111, 2010. <http://dx.doi.org/10.1515/shll-2010-1066>
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no português brasileiro. *Revista da Abralín*, v. 9, n. 2, p. 123-147, 2010.
- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. Vol. 1: Verbos de mudança.
- CANN, R. *Formal Semantics: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- CASTILHO, A. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa*, v. 12, 1968.
- COELHO, S. M. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens TER, HAVER, SER, ESTAR e IR na Língua Portuguesa*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- COELHO, S. M. Gradualismo do processo de gramaticalização e princípio da persistência: indícios de uma hierarquia de traços? *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 15, n. 2, p. 519-541, 2013. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v15i2p519-541>
- CUNHA, L. F. *As construções com progressivo no português: uma abordagem semântica*. 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) – Universidade do Porto, Lisboa, 1998.
- DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FUKUDA, S. On the control/raising ambiguity with aspectual verbs: a structural account. In: STIEBELS, B. *Studies in Complement Control*. ZAS Papers in Linguistics 47, 2007. p. 159-195.
- GROSS, G. Prédicats nominaux et compatibilité aspectuelle. *Langages*, v. 121, p. 54-72, 1996.
- HALE, K.; KEYSER, S. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.
- HASPELMATH, M. *Transitivity alternations of the anticausative type*. Cologne: Institut für Sprachwissenschaft, Universität zu Köln, 1987.
- HASPELMATH, M. More on the typology of inchoative/causative verb alternations. In: COMRIE, B.; POLINSKY, M. *Causatives and transitivity*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 87-120.
- HORVATH, J.; SILONI, T. Causatives across components. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 29, p. 657-704, 2011. <http://dx.doi.org/10.1007/s11049-011-9135-3>
- JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975. <http://dx.doi.org/10.2307/412891>
- JEZEK, E. Polysemy of Italian event nominals. In: MIR-SAMII, R. *Nominalisations*. Special issue of *Faits des Langues* 30, 2008. p. 251-264.
- LABELLE, M. Change of state and valency. *Journal of Linguistics*, v. 28, 1992, p. 375-414. <http://dx.doi.org/10.1017/S0022226700015267>
- LAKOFF, G. *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.
- LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B. Further explorations of the landscape of causation: comments on the paper by Alexiadou and Anagnostopoulou. In: HALPERT, C.; HARTMAN, J.; HILL, D. *Proceedings of the 2007 Workshop in Greek Syntax and Semantics at MIT* (MIT Working Papers in Linguistics 57). Cambridge: MIT Press, 2009. p. 17-32.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179-203.

- NEUMEYER, F. J. *English aspectual verbs*. Paris: Mouton, 1975.
- OYHARÇABAL, B. Lexical causatives and causative alternation in Basque. In: OYHARÇABAL, B. *Inquiries into the Syntax-Lexicon relations in Basque*. Supplements of ASJU, XLVI, 2003. p. 223-253.
- PARSONS, T. *Events in the semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- PERLMUTTER, D. *Deep and surface structure constraints in Syntax*. 1968. Tese (Doutorado em Linguística) – MIT, 1968.
- PERLMUTTER, D. The two verbs *begin*. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Blaisdell Publishing Company, 1970. p. 107-119.
- PIÑÓN, C. A finer look at the causative-inchoative alternation. In: HASTINGS, R.; JACKSON, B.; ZVOLENSZKY, Z. *Proceedings of SALT 11*. NY: Cornell University, 2001. p. 346-364.
- PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- RAPPAPORT HOVAV, M. Lexical content and context: the causative alternation in English revisited. *Lingua*, v. 141, p. 8-29, 2014. <http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2013.09.006>
- RECH, N. O processo de auxiliaridade verbal no português brasileiro: uma análise dos aspectuais. *Revista Letras*, v. 84, p. 111-136, 2011. <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v84i2.24657>
- REINHART, T. The theta system – an overview. *Theoretical Linguistics*, v. 28, p. 229-290, 2002. <http://dx.doi.org/10.1515/thli.28.3.229>
- REINHART, T.; SILONI, T. The lexicon-syntax parameter: reflexivization and other arity operations. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 3, p. 389-436, 2005. <http://dx.doi.org/10.1162/0024389054396881>
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Ed. rev. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.
- TRAVAGLIA, L. C. A gramaticalização dos verbos *passar* e *deixar*. *Revista da Abralin*, v. 6, n. 1, p. 9-60, 2007.
- VERKUYL, H. J. *Aspectual issues: studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications, 1999.
- WACHOWICZ, T. Auxiliary and aspectualizer verbs: some syntactic and semantic distinctions. *Revista Letras*, n. 73, p. 223-234, 2007. <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v73i0.7555>
- WASON, T. Transformations and the lexicon. In: CULICOVER, P.; AKMAJIAN, A.; WASON, T. *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 327-360.
- WHITAKER-FRANCHI, R. *As construções ergativas: um estudo sintático e semântico*. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

Recebido em 10/04/2015
 Aceito em 06/07/2015.